

Estratégias de divulgação do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo na década de 1950

*Strategies for the dissemination of the Nursing undergraduate course of the School of Nursing of
University of São Paulo in the 1950s*

*Estrategias de divulgación del curso de Enfermagem de la Escuela de Enfermagem de la
Universidad de São Paulo em decada de 1950*

**Thaís Araújo da Silva^I, Genival Fernandes de Freitas^{II}, Lily Löw^{III}, Bárbara Barrionuevo Bonini^{IV},
Elaine Correa da Silva^V, Fabíola C. B. Matozinho^{VI}**

^IEnfermeira, Mestranda. Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: taarsi2@hotmail.com

^{II}Enfermeiro. Professor Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa "História, Ética e Legislação de Enfermagem" (EEUSP/ENO/CNPq). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: genivalf@usp.br

^{III}Enfermeira, Mestre em Ciências. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lilylow32@gmail.com

^{IV}Enfermeira. Doutora em Enfermagem. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: bonini@usp.br

^VEnfermeira. Doutoranda. Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: correase@uol.com.br

^{VI}Enfermeira, Advogada, Mestranda. Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: fabiolacb@hotmail.com

Como citar este artigo

Silva TA, Freitas GF, Löw L, Bonini BB, Silva EC, Matozinho FCB. [Strategies for the dissemination of the Nursing undergraduate course of the School of Nursing of University of São Paulo in the 1950s]. Hist enferm Rev eletronica [Internet]. 2015;6(1):93-106. Portuguese.

Recebido em 20-03-2015

Aceito em 22-05-2015

Resumo

Este trabalho aborda as estratégias empregadas pela diretora Maria Rosa Pinheiro e pela Comissão de Propaganda e Recrutamento de Alunas da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para divulgar o curso de enfermagem na década de 1950. Tem como objetivo descrever as circunstâncias políticas que levaram a direção da EEUSP a buscar novas alunas. Trata-se de um estudo histórico-documental, cuja fonte primária é uma carta elaborada pela Comissão de Recrutamento, no ano de 1956, dirigida às municipalidades do Estado de São Paulo. Identificou-se resposta positiva das prefeituras de Jaú, Monte Alto, Garça, Itapira, Santa Cruz do Rio Pardo, Bauru, Andradina e Campinas. Conclui-se que a conduta da Comissão ampliou o conhecimento acerca do curso enfermagem.

Descritores: História da Enfermagem; Educação em Enfermagem; Alunos de enfermagem.

Abstract

This paper discusses the strategies employed by the director of the School of Nursing, University of São Paulo (EEUSP), Maria Rosa Pinheiro and the Committee of Advertising and Recruiting Students to promote the nursing program in 1950s through the initiative that proposed to increase the number of undergraduates by requiring cities to aid in the dissemination of the course and to provide scholarships. The aim was to describe the political circumstances that led the direction of EEUSP to seek new students through documents directed to municipalities in São Paulo, in 1950, and to discuss the criteria and the used forms to promote the course and to select candidates. This is a historical-documentary study, which primary source was a letter drafted by the Recruitment Commission, in 1956, directed to the municipalities of São Paulo. It was identified a positive response from the cities of Jaú, Monte Alto, Garça, Itapira, Santa Cruz do Rio Pardo, Bauru, Campinas and Andradina in proposing to support the dissemination of the course. It was concluded that the conduct of the Commission expanded the knowledge about the course through that particularly strategy, which had the merit of attracting new members to undergraduate nursing.

Descriptors: History of Nursing; Education, Nursing; Students, Nursing.

Resumen

Este estudio discute las estrategias empleadas por la directora Maria Rosa Pinheiro y la Comisión de Divulgación y Reclutamiento Estudiantil de la Escuela de Enfermería de la Universidad de São Paulo a fin de promover el programa de enfermería en la década de 1950. Su objetivo es describir las circunstancias políticas que llevaron a la dirección de la EEUSP a la búsqueda de nuevas alumnas. Se trata de un estudio histórico documental, que tuvo como fuente principal una carta preparada por la Comisión de Contratación, en 1956, dirigida a los municipios de São Paulo. Se identificó respuesta positiva por parte de los municipios de Jaú, Monte Alto, Garça, Itapira, Santa Cruz do Rio Pardo, Bauru, Andradina y Campinas. Se concluye que la conducta de la Comisión amplió el conocimiento del curso de enfermería de la Escuela mencionada.

Descriptores: Historia de la Enfermería; Educación en Enfermería; Estudiantes de enfermería.

Introdução

Pelo Decreto-Lei Estadual n. 13.040 de 1942, foi criada a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), tendo como objetivo preparar enfermeiros para atuarem nos serviços de saúde pública e na assistência hospitalar. À época, Edith de Magalhães Fraenkel foi convidada a dirigir essa escola que tinha, inicialmente, um curso com duração de três anos⁽¹⁾ e que funcionou sob o regime de internato até a década de 1970.

Em 1955, Edith Fraenkel foi substituída, temporariamente, no cargo de diretora da escola pela Enfermeira Clarice Ferrarini, que teve como sucessora a Professora Maria Rosa Sousa Pinheiro⁽¹⁻²⁾.

Maria Rosa nasceu em Araraquara-SP e faleceu no dia 21 de junho de 2002, na cidade de São Paulo. Ela foi diretora da EEUSP no período de 1955 a 1978⁽³⁻⁴⁾. Formou-se pela Escola Normal da Praça da República; realizou o “curso de educadores sanitários na faculdade de higiene e saúde

pública da USP e graduou-se pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da mesma Universidade com grau de bacharel em letras estrangeiras”⁽⁴⁾.

Maria Rosa fora contemplada com bolsa de estudo da Fundação Rockefeller, e durante o período de 1940 a 1943, realizou cursos de Enfermagem Geral e Enfermagem de Saúde Pública na Escola de Enfermagem da Universidade de Toronto, no Canadá⁽⁴⁾. Regressou ao Brasil em 1944 e em 1947 realizou o curso de pós-graduação em Administração de Ensino de Enfermagem, em Nova York, no Teachers College da Universidade de Columbia, onde obteve grau de *Master of Arts*⁽³⁻⁴⁾.

Ela colaborou com entidades governamentais, principalmente com os Ministérios da Educação e da Saúde, e com o Governo do Estado de São Paulo, presidindo e/ou participando de Comissões destinadas aos estudos das questões relacionados ao ensino da Enfermagem e ao exercício profissional nessa área⁴. Ela, também, foi a primeira Presidente do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), criado na década de 1970⁽³⁾.

A contribuição de Maria Rosa se fez notar durante sua gestão na presidência da ABEn, pois foi uma dos expoentes na condução do “Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil (1956 a 1958)”, considerado um marco importante no tocante à pesquisa em enfermagem no Brasil⁽⁴⁾.

O contexto político das primeiras décadas do século XX incentivou a criação da Faculdade de Medicina de São Paulo (1913), de novas disciplinas nas áreas de patologia, anatomia, histologia e microbiologia, além de campanhas sanitárias em diferentes partes do mundo. No caso latino-americano, o referido contexto era favorável à projeção, criação e manutenção de escolas profissionalizantes no campo da saúde pública, bem como na concessão de bolsas de estudos para jovens universitários promissores nas áreas de medicina, engenharia sanitária e enfermagem⁽⁴⁻¹²⁾.

No contexto do governo Vargas, mormente na ditadura do Estado Novo (a partir de 1937), percebe-se forte ênfase no populismo de Getúlio Vargas à frente da governança do país, a criação do Ministério da Educação e Saúde e a aproximação política e ideológica dos Estados Unidos da América. Nesse contexto, na década de 1940, fora criada a EEUSP, em 1942, em sintonia com a política da época no tocante à formação de profissionais de enfermagem, considerando-se que a esses profissionais caberia buscar soluções para as “democracias doentias e sofridas do pós guerra”⁽¹³⁾.

Antecedendo um pouco à década de 1950, vale retomar o período da República, particularmente o decênio final, período fértil em ideologias e campanhas cívicas, com apelos à

modernização e com a luta pela educação, o anseio pela consolidação do Estado e o saneamento dos sertões⁽¹⁴⁾.

No contexto da enfermagem, cabe pontuar que a Lei Federal nº. 775, de 06 de dezembro de 1949, dispunha sobre o ensino de enfermagem no país. Essa legislação foi de fundamental importância para definir as exigências do ingresso no curso de enfermagem. Apesar da existência de outras instituições formadoras de enfermeiras no Brasil, nas décadas de 1950 e 1960, é fato perceptível a grande dificuldade das diretoras da época em selecionar candidatas com o ensino normal completo, justificando-se em parte o pedido das diretoras para que fosse prorrogada a exigência de que todas as candidatas possuíssem o ensino normal, devido o receio de terem que fechar várias escolas de enfermagem. Desse modo, a exigência foi sendo procrastinada até o ano de 1961, quando, então, foi promulgada a Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961)⁽⁶⁾.

Ao assumir a direção da EEUSP, Maria Rosa teve a sensibilidade de perceber a necessidade de aumentar o número de alunas no curso de Enfermagem, pois era frequente a solicitação de diretores de hospitais paulistas, para que a Diretora dessa Escola indicasse enfermeiras para a atuação em instituições assistenciais.

Com base nesse breve contexto histórico, o presente estudo tem como objetivos: descrever as circunstâncias políticas para a direção da Escola; angariar novas alunas ao curso de Enfermagem, na década de 1950, e discutir os meios utilizados pela direção dessa Escola para divulgar o curso e a seleção de candidatas.

Método

Trata-se de um estudo de cunho histórico e documental, que teve como fonte primária uma Carta elaborada pela Comissão de Recrutamento da EEUSP e firmado pela diretora da época, Maria Rosa, a qual fora dirigida a municipalidades paulistas, com o propósito de divulgação do curso de enfermagem, oferecido pela EEUSP, além de demonstrar que haviam atrativos para as candidatas que optassem por essa carreira, como a existência de um regime de internato na referida instituição. O documento mencionado encontra-se disponível no *Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana* (CHCEIA) da Escola de Enfermagem da USP integrando o acervo documental dessa instituição.

Metodologicamente, optou-se pelo método indiciário, pois pressupõe minucioso conhecimento de uma realidade social para descobrir vestígios ou sinais não diretamente experimentáveis pelo observador, considerando-se o fato de que o conhecimento histórico constrói-se, indiretamente, de modo indiciário e conjectural⁽¹⁵⁾.

Nessa perspectiva, no presente estudo analisaram-se algumas circunstâncias indiciárias que levaram a EEUSP a buscar apoio junto a municipalidades paulistas, a fim de divulgar o curso, além de angariar novas candidatas à enfermagem e, propositadamente, ampliar a visibilidade da Escola no Estado⁽¹⁵⁾.

Cabe pontuar que a história da enfermagem tem relevância política e social, à medida em que corrobora a formação ético-política da enfermeira, problematizando as experiências do passado da profissão, as lutas e as conquistas, bem como as ações no presente para se reinventar a cada momento a identidade coletiva⁽¹⁶⁾.

Para tanto, o presente estudo norteou-se pelo seguinte problema de investigação: Como as circunstâncias histórico-sociais, no entorno da década de 1950, fomentaram a iniciativa de divulgação do curso de enfermagem da EEUSP junto a Municipalidades paulistas? Quais os atores e que instrumentos ou meios utilizaram para alcançar esse propósito naquela época?

A presente investigação pautou-se em cartas enviadas pela Direção da EEUSP a municipalidades paulistas, com o propósito de divulgar o curso e captar novas candidatas. Essa política institucional não era totalmente inovadora, pois Escolas de Enfermagem do país, como a Escola de Enfermagem Anna Nery, já divulgavam seus cursos junto à coletividade social, conclamando moças para os cursos oferecidos naquelas instituições.

Após a coleta dos dados, optou-se pela análise documental, a qual comporta dois momentos: a crítica externa e a interna ao documento. Desse modo, busca-se certificar-se da autenticidade da fonte e, em segundo lugar, verificar a sua credibilidade⁽¹⁷⁾.

Os aspectos éticos da pesquisa foram observados, tendo em vista que se trata de uma documentação histórica e institucional, não havendo necessidade de obter parecer de Comitê de Ética em Pesquisa para acessá-la e utilizá-la como fonte, e por estar em domínio público.

Resultados e discussão

A Diretora da EEUSP, Maria Rosa, juntamente à Comissão de Propaganda e Recrutamento de Alunos, existente na ocasião, propuseram divulgação do curso de graduação de enfermagem devido à necessidade de aumentar o número de enfermeiros graduados no país, solicitando assim,

apoio dos municípios de São Paulo para divulgação do curso e auxílios financeiros para a manutenção dos gastos com a formação das alunas.

A carta referente à divulgação foi assinada pela diretora Maria Rosa de Sousa Pinheiro e pela Presidente da Comissão de Recrutamento, a Professora Zuleika M. Kannebley, egressa da primeira turma formada na EEUSP, em 1946.

Oito ofícios em resposta à carta foram encontrados no acervo do CHCEIA, das seguintes prefeituras: Jau (Prefeito sem descrição), Campinas (Ruy Hellmeister Novaes), Monte Alto (José Zacharias de Lima), Garça (Francisco Pereira de Mello Junior), Itapira (Caetano Munhoz), Andradina (Aristômenes de Figueiredo Meirelles), Santa Cruz do Rio Pardo (Lucio Casanova Neto) e Bauru (Avallone Junior).

Embora oito municipalidades tenham respondido a carta-convite assinada pela Direção da EEUSP, é possível que a outros tenha sido remetido esse mesmo documento.

A autora da carta descrevia a situação política da Escola de Enfermagem de São Paulo, pontuando sua anexação à Faculdade de Medicina da mesma universidade, o que persistiu até a sua desanexação em dezembro de 1963, pelo Decreto nº. 42.809 de 1963⁽¹⁸⁾.

Por intermédio da Comissão de Propaganda e Recrutamento de Alunos foi desenvolvido um movimento social, visando aumentar o maior número de enfermeiros diplomados no Brasil, que fossem capacitados para prestar assistência em hospitais, ambulatórios, centros de saúde, entre outros⁽¹⁹⁾.

A carta enfatizava a importância da enfermagem moderna que exigia, além de qualidades morais e de vocação, que os indivíduos que a ela se dedicassem e trouxessem à EEUSP uma bagagem de conhecimentos que seriam desenvolvidos e orientados no sentido da “boa formação profissional”. Portanto, a EEUSP se propôs a preparar os estudantes através de um curso teórico-prático, inicialmente de três anos, e depois, de quatro anos, ministrado por enfermeiras diplomadas, médicos e outros profissionais que faziam o ensino baseado nas mais recentes conquistas da medicina⁽¹⁹⁾. Cabe pontuar, que o curso passa obrigatoriamente a durar quatro anos a partir do ano de 1967, onde as alunas, ao terminar o curso de três anos, deveriam optar estudar mais um ano Enfermagem Obstétrica ou Enfermagem em Saúde Pública⁽⁴⁾.

Os estágios práticos eram realizados em hospitais próximos à EEUSP, como o recém-criado Hospital das Clínicas (em 1944), que não só possuía equipamentos modernos para a época, como também detinha qualidade na assistência médica e de enfermagem.

A historiografia nos possibilita afirmar que o objetivo da divulgação do curso era fomentar a formação de enfermeiras para atuarem na assistência e na gestão em saúde no país⁽¹⁹⁾.

Outro argumento seria da formação da “*head nurse*” (Enfermeira chefe), como sendo uma das metas no Primeiro Congresso Nacional de Enfermagem, de 1947, organizado pela referida Escola⁽⁶⁾.

Infere-se que a diretora ao se dirigir às municipalidades paulistas, pudesse angariar apoios para a divulgação em jornais locais, visando encaminhar candidatos para o próximo vestibular, em 1957, sendo que o candidato devia ter no mínimo ciclo ginásial completo, e, de preferência, colegial ou escola normal¹⁹. A educação de grau médio era composta de dois ciclos: ginásial (11 aos 14 anos) e colegial (15 aos 17 anos), já a escola normal tinha como objetivo a formação de professores⁽²⁰⁻²¹⁾.

Cabe destacar, para compreensão do contexto social, que em 1950, nas escolas primárias e secundárias, o ensino religioso fazia parte da grade curricular, mas o estudante tinha livre arbítrio de realizá-lo ou não. Mesmo não sendo obrigatório, era predominante sua influência no cenário brasileiro⁽²²⁾.

A carta aos municípios ainda relatava que as prefeituras que aderissem ao projeto de divulgação, também deveriam instituir uma ou mais bolsas de estudos em favor de candidatos de seu município⁽¹⁹⁾.

Na década de 1950, a EEUSP formou cinco homens. O primeiro homem a cursar a graduação na Escola foi o Benoni Sousa Lima, formado na década de 1950. Os primeiros homens que estudaram na referida instituição, não moravam na residência da Escola. Parece que a dificuldade financeira sobressaía, já que o papel do homem em seu desenvolvimento era e é o patriarcal, o provedor da família, portanto, eles tinham dificuldades de se manterem em um curso integral, lembrando que o curso era, e ainda é, curso integral⁽²³⁾.

Um dos ofícios em resposta à diretora da EEUSP, na época, foi da Municipalidade de Jau. A divulgação da seleção de candidatos se deu através do jornal “O Comercio de Jau” em 10 de junho de 1956. Relatava que a Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo estava aceitando candidatos para o próximo vestibular que seria realizado no próximo ano para o curso teórico-prático de enfermagem, com duração de quatro anos, com direito à residência às estudantes do sexo feminino, com uma bolsa estimada de Cr\$ 1200,00 mensais. Enfatiza, ainda, que os candidatos deveriam possuir o ciclo ginásial completo, e de preferência, colégio ou escola normal. Caso os candidatos precisassem de mais informações, poderiam ser obtidas na secretaria da Prefeitura de Jau⁽²⁴⁾.

O prefeito José Zacharias de Lima da cidade de Monte Alto manifestou seu apoio à diretora da EEUSP, porém apontava dizendo: “apesar das grandes dificuldades financeiras em que se encontra esta administração, enviaremos esforços em atender na medida do possível aos anseios dos candidatos que por ventura possam surgir neste município, interessados no curso de enfermagem, mantidos por essa escola”⁽²⁵⁾.

A divulgação do curso pela cidade de Monte Alto, foi realizada no dia 6 de junho de 1956, através da Rádio Cultura de Monte Alto e pelo jornal Folha de Monte Alto, que comunicavam que em fevereiro de 1957 seria realizado vestibular para o curso de graduação de enfermagem. Destacava-se, também, a formação esperada do candidato ao curso, a qual deveria ter no mínimo ciclo ginásial completo, Colégio ou Escola Normal. Ademais, divulgava-se, ainda, que as candidatas teriam residência no prédio próprio da Escola, com amplas e modernas acomodações⁽²⁵⁾. Tal divulgação tem sentido, pois as alunas, ao serem admitidas no curso, passavam a residir na Escola em regime de internato.

A prefeitura de Garça apoiou a divulgação de Enfermagem da USP. A pessoa responsável pela divulgação naquela municipalidade foi o Sr. Francisco Pereira de Mello Júnior, que na época, era diretor de expediente. A divulgação foi realizada no próprio prédio da prefeitura, em jornais e na rádio local. Enaltecia que seria uma grande oportunidade e os interessados teriam grande chance em trabalhar na área da saúde, dado o crescente número de Hospitais e Casa de Saúde por todo o país, que à época havia grande escassez de enfermeiros formados que pudessem atuar assistencialmente. Destacou a comodidade de alojamento oferecida pela Escola para as moças interessadas em cursar enfermagem, apontando também, que havia a possibilidade de ingresso de homens interessados, porém estes não residiriam na Escola, no qual havia sido implantado o regimento de internato, desde o início, em 1942, perdurando até 1963⁽²⁶⁾.

De acordo com os ofícios nº. 7977/56 da prefeitura de Bauru e nº. 550/56 da prefeitura de Andradina houve manifestação de apoio à proposta da diretora da EEUSP, porém não ficou explicitada a forma como se daria a divulgação nas referidas municipalidades⁽²⁷⁻²⁸⁾.

A prefeitura do município de Itapira decretou uma Lei municipal nº. 263, de 28 de julho de 1958, que sancionou e autorizou a concessão anual de uma bolsa de estudos a jovens que desejassem cursar a graduação na Escola de Enfermagem da USP, a importância de Cr\$ 26.000,00 destinada à Escola. Estabeleceu, ainda, que no primeiro ano o bolsista receberia a bolsa no valor de Cr\$ 8.000,00 e nos três anos subsequentes, Cr\$ 6.000,00. Caso houvesse empate, a bolsa seria concedida ao mais pobre, e persistindo o empate, ao de maior idade ou ainda o que tivesse melhor

currículo secundário. Ainda nos critérios dessa municipalidade ficou estabelecido que perderia a bolsa o aluno reprovado em qualquer das séries do curso, exceto por motivo relevante, a juízo daquela prefeitura municipal e perderia definitivamente o direito à bolsa no caso de segunda reprovação⁽²⁹⁾.

Parece coerente a proposta dessa prefeitura, que ao conceder uma bolsa de estudos à candidata ao curso de enfermagem, fizesse jus a tal concessão. Assim, a Lei municipal supracitada estabeleceu critérios, permitindo que as candidatas que tivessem a mesma pontuação na disputa, pudessem concorrer à bolsa, porém devia-se priorizar a mais carente em termos econômicos e, em seguida, aquela candidata que tivesse maior idade e/ou melhor currículo secundário. Na circunstância de haver perda da bolsa por desempenho insatisfatório, devia-se eleger outra candidata que tivesse o melhor capital cultural possível entre elas.

A prefeitura de Santa Cruz do Rio Pardo reiterou o apoio e promulgou a Lei municipal nº. 13 de 19 de setembro de 1956, a qual dispunha sobre a instituição de uma bolsa de estudos à EEUSP, a partir de 1957, na importância de Cr.\$ 72.000,00, durante 48 meses, pagos mensalmente ao aluno matriculado e com frequência na referida escola à razão de Cr.\$ 1.500,00, sendo apenas para o sexo feminino, com residência na própria EEUSP⁽³⁰⁾.

A estratégia de divulgação do curso de enfermagem da Escola de Enfermagem da USP, talvez pudesse ser parte da atuação da enfermeira Clarice Ferrarini, Diretora da Divisão de Enfermagem do Hospital das Clínicas, a qual era procedente da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo. Ademais, sabe-se que ela era uma mulher influente politicamente na direção da principal instituição assistencial do País, sendo, inclusive, uma das principais lideranças da enfermagem no cenário nacional. Logo seu nome era visível e sua influência incontestável no campo da profissão. Sua atuação na Escola de Enfermagem, por breve período, até a Maria Rosa S. Pinheiro assumir a Direção (1955/1978), foi marcado pelo compromisso com a enfermagem e o firme propósito de levar em frente o curso de enfermagem nessa Escola.

A última resposta, do Sr. Secretário de Cultura e Higiene, da prefeitura de Campinas, mencionava no ofício nº. 1136 que havia intenção em estimular os estudos de enfermagem no município, tendo feito um projeto-lei que fora encaminhado ao Legislativo, criando bolsas para estágios na Escola de Enfermagem da USP, porém relatou que havia realizado este movimento de recrutamento para a Escola de Enfermagem Madre Teodoro de Campinas e nunca conseguiu preencher as seis vagas⁽³¹⁾.

Ao fazer menção à acomodação que a Escola oferecia às suas estudantes, a municipalidade de Jau e Garça diziam que fariam essa divulgação no município. De fato, a historiografia comprova a existência de um regime de internato na EEUSP, desde o início da sua criação até a década de 1960, quando então, a Escola deixou de oferecer esse atrativo para as candidatas interessadas⁽³²⁾.

O alojamento somente para mulheres proporcionava segurança para as famílias e para as próprias estudantes, além do conforto e da mobilidade. Portanto, o internato era visto como um atrativo para as estudantes, em especial nessa época em que a mulher ainda era dependente da tutela dos pais e/ou marido.

O internato representa uma forma de controle ideológico da formação da enfermeira no que tange a disciplina, obediência, hierarquização, como se fosse um exercício moral, com ênfase na docilidade, na abnegação, na entrega e na disciplina⁽⁸⁾.

Outro aspecto que merece ser pontuado refere-se à baixa procura pelo curso de enfermagem na época. A luta das diretoras por décadas (desde o final da década de 1940 até o início da década de 1960), para não fechar as escolas, tendo em vista que a Legislação nº. 775/49 exigia o ensino normal, o que corresponderia ao ensino médio atualmente, exigência que não correspondia à realidade das candidatas. Desta forma, as diretoras preocupadas com o reduzido número de candidatas com este perfil, empenharam-se em postergar tal exigência legal^(4,33).

A busca de candidatas aos cursos de enfermagem pode ser demonstrada no documento “*Apello às Moças Brasileiras*”, com o intuito de recrutar mulheres à Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), atualmente Escola de Enfermagem Anna Nery, da UFRJ⁽³⁴⁾.

Durante um período de sete anos, a contar da publicação da Lei nº.775/49, as escolas de enfermagem poderiam continuar recebendo candidatas que tivessem o certificado de conclusão de curso ginasial ou equivalente⁽³⁵⁾.

Vale destacar, que somente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº. 4024/61, finalmente passou-se a exigir o ensino secundário e completo. Havia muitas vagas ociosas nos cursos existentes durante praticamente toda década de 1960⁽³⁴⁾ e certa precariedade das alunas selecionadas a cursarem enfermagem, pois a formação delas estava aquém das exigências do cursoe, conseqüentemente, o índice de reprovação e abandono do curso era elevado⁽⁴⁾.

Considerações finais

Mediante o estudo observa-se a importância de se refletir sobre a profissão da enfermagem, sendo que a história se torna inexistente se não for documentada e resguardada, pois dessa forma constrói-se um significado para o presente e o futuro dessa profissão.

As municipalidades de Garça e Santa Cruz do Rio Pardo, não só apoiaram a iniciativa da diretora da Escola de Enfermagem da USP, como enfatizaram que a existência do internato era um elemento positivo para atrair as pessoas interessadas ao curso, que deveriam ser do sexo feminino. Como se pode observar, a presença masculina estava alijada na época.

Nesta visão ressalta-se o convite à discussão da influência que a diretora Maria Rosa teve em relação à necessidade de aumentar o número de estudantes de enfermagem, com bolsa, na EEUSP, pois os hospitais necessitavam de um serviço de enfermagem do mais alto padrão de eficiência, que, na época, considerava-se um problema social e educacional.

Portanto, essa determinação da categoria para criação de uma proposta de compromisso reflete no presente, pois observa-se que a enfermagem atual, com os desafios da sua *práxis*, tem uma procura significativa de pessoas interessadas por essa área.

Dessa forma, considera-se que a conduta da Comissão de Propaganda e Recrutamento de Alunas, apoiada pela Direção da EEUSP, no contexto estudado, norteou-se pela motivação de buscar novas candidatas ao curso, bem como assegurar maior visibilidade para a profissão na coletividade paulista, angariando apoio na propaganda do curso junto às municipalidades apontadas, além do apoio financeiro requisitado.

Com isso, podemos observar também a influência que a Escola de Enfermagem da USP teve e tem não apenas na cidade de São Paulo, mas também em outros municípios do referido Estado. É importante ressaltar que essa influência social é muito importante, não apenas para o desenvolvimento da Escola, mas também para a consolidação da profissão, permitindo assim, que a população perceba o esforço em consolidar a profissão dentro do cenário nacional.

Referências

1. Freitas GF. Histórico: Memória e história da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: 70 anos [Internet]. São Paulo (SP): USP; 2009. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/site/index.php/paginas/mostrar/29>
2. Fonseca RMS, Forcella HT. Maria Rosa Sousa Pinheiro: uma (bela) mulher feita de tango, ousadia e enfermagem. Hist Enferm Rev eletrônica [Internet]. 2012 jan-jul [acesso em 01 maio 2015];3(1):47-56. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol3num1artigo4.pdf>

3. Oguisso T. Maria Rosa Sousa Pinheiro: a grande líder da enfermagem. Rev Bras Enferm [Internet].2003 jan-fev [acesso em 01 maio 2015];56(1):76-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v56n1/a16v56n1.pdf>
4. Carvalho AC. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Resumo Histórico: 1942-1980. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1980.
5. Oguisso T, Campos PFS, Santiago ES. [Maria Rosa Sousa Pinheiro and the brazilian nursing reconfiguration]. Texto Contexto Enferm [Internet].2009 Oct-Dec[cited 2015 may 04];18(4):643-51. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072009000400005&script=sci_arttext Portuguese.
6. Takashi MH. Movimento da enfermagem paulista na década de 1940: reformulação do ensino profissional [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2011.
7. Oguisso T. Trajetória histórica e legal da Enfermagem. 2. ed. Barueri (SP): Manole; 2007.
8. Barreira IA. [The first step of Modern Nursig in Brazil]. Esc Anna Nery [Internet]. 1997 Jul [cited 2015 may 04];1(Spec nº.):161-76. Available from: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&nextAction=lnk&base=LILACS&exprSearch=284416&indexSearch=ID&lang=i> Portuguese.
9. Moreira MCN. [The Rockefeller Foundation and the construction of a professional identity in nursing during Brazil's first Republic]. Hist Ciênc Saúde-Manguinhos [Internet]. 1999 Feb [cited 2015 may 04];5(3):621-45. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701999000100005&script=sci_arttext Portuguese.
10. Moreira A, Oguisso T. Profissionalização da Enfermagem Brasileira. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2005.
11. Porto F, Amorim W. História da Enfermagem Brasileira: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro (RJ): Águia Dourada; 2007.
12. Oguisso T, Freitas GF, Takashi MH. [Edith Magalhães Fraenkel: The greatest figure of Brazilian Nursing]. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2013 Oct [cited 2015 may 04];47(5):1227-34. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000501219&lng=en&nrm=iso&tlng=en&ORIGINALLANG=en English, Portuguese.
13. Marshall TH. Class, citizenship and social development. Chicago-Londres: University of Chicago Press; 1963.
14. Faria L, Santos LAC. Saúde & História. São Paulo (SP): Editora: Hucitech; 2010.
15. Ginzburg C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. São Paulo (SP): Companhia das Letras; 1990.
16. Araújo Netto LFS, Ramos FRS. [Considerations on the process construction of nurse's identity in the daily of work]. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2004 Jan-Feb [cited 2015 may 04];12(1):50-7. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692004000100008 Portuguese.
17. Silva Junior OC. Pesquisa Documental. In: Oguisso T, Souza Campos PF, Freitas GF. Organizadores. Pesquisa em história da enfermagem. Barueri: Manole; 2011. Série Enfermagem e Saúde. p. 339-62.
18. Santiago ES. Tradição e modernidade: desanexação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo [dissertação]. São Paulo (SP): Programa de pós-graduação em Gerenciamento em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2011.
19. Pinheiro MRS. Carta aos municípios. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil 30 de maio de 1956.

20. Moura DH. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos* [Internet]. 2007 [acesso em 01 maio 2015];2(23):1-30. Disponível em:<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>
21. Oguisso T. [History of the nursing education legislation at medium level]. *Rev Paul Enferm* [Internet]. 2002 Jan-Apr [cited 2015 may 04];21(1):71-83. Available from: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=350386&indexSearch=ID Portuguese>.
22. Simiele MF, Barizon-Luchesi L, Porto F, Oliveira-Sousa T, Silva-Santiago E, Aguiar S. [Catholic Mass and the Nurse's Image (1957)]. *Aquichan* [Internet]. 2014 Mar [cited 2015 may 04];14(1):109-18. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/741/74130041010.pdf>
23. Costa KS, Freitas GF. Perfil dos homens formados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1950-1990). *Cultura de los Cuidados*.2009;XIII(26):39-47.
24. Brasil. Alunos para a escola de enfermagem. O comercio de Jau. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1956.
25. Lima JZ. Ofício n. 304/56 em resposta à escola de enfermagem. Prefeitura Municipal de Monte Alto. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1956.
26. Mello Junior FP. Escola de enfermagem: Universidade de São Paulo. Prefeitura Municipal de Garça. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1956.
27. Avallone Junior. Ofício n. 7977/56 em resposta à escola de enfermagem. Prefeitura do Município de Bauru. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1956.
28. Meirelles AF. Ofício n. 550/56 em resposta à escola de enfermagem. Prefeitura Municipal de Andradina. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1956.
29. Munhoz C. Ofício n. 221 em resposta à escola de enfermagem. Prefeitura Municipal de Itapira. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1956.
30. Casanova Neto L. Ofício n. 500/56 em resposta à escola de enfermagem. Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Rio Pardo. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1956.
31. Novaes RH. Ofício n. 13956-56 em resposta à escola de enfermagem. Prefeitura Municipal de Campinas. Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1956.
32. Silva BFF, Freitas GF, Nakamura JK. Alunas orientais que vivenciaram o internato na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo-Brasil (1953-1970). *Rev Cultura de los Cuidados*. 2010;XIV(27):30-9.
33. Monteiro BA. Diretrizes e bases da educação nacional e escolas de enfermagem na década de 1960: uma visão histórica [dissertação]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2009.
34. Sauthier J. A Missão de Enfermeiras Norte Americanas na Capital da República 1921-1931 [tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ); 1996.

35. Carvalho AC. Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976: documentário. Rio de Janeiro (RJ): ABEEn; 1976.